

NEOFASCISMO E CONSPIRACIONISMO BRASILEIRO. O MÍDIA SEM MÁSCARA E O “EIXO DO MAL”

Natalia dos Reis Cruz¹
Universidade Federal Fluminense

Resumo: O artigo aborda o Movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, centrando sua análise na obra de Heitor de Paola, intitulada *O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Internacional*, conceituando o referido movimento como neofascista e adotando a metodologia comparativa entre o fascismo clássico e os neofascismos surgidos após a Segunda Guerra Mundial. O aspecto analisado na obra do autor é a descontextualização da história soviética em sua narrativa, como parte de um anticomunismo exacerbado, acompanhado de teorias conspiratórias acerca de um suposto domínio mundial comunista em oposição aos princípios “democráticos” e “liberais” da civilização judaico-cristã ocidental.

Palavras-chave: Conspiracionismo; Neofascismo; Anticomunismo; Mídia Sem Máscara; Eixo do Mal.

BRAZILIAN NEOFASCISM AND CONSPIRACY. THE MEDIA WITHOUT MASK AND THE “AXIS OF EVIL”

Abstract: The article approaches the Media Without Mask Movement, led by Olavo de Carvalho, focusing his analysis on the work of Heitor de Paola, entitled *The Axis of Latin American Evil and the New International Order*, conceptualizing this movement as neo-fascist and adopting the comparison methodology between classical fascism and the neo-fascism that emerged after World War II. The aspect analyzed in the author's work is the decontextualization of Soviet history in his narrative, as part of an exacerbated anticomunism accompanied by conspiracy theories about a supposed communist world domination as opposed to the "democratic" and "liberal" principles of Judeo-Christian civilization western.

Keywords: Conspiracy; Neo-fascism; Anticomunism; Media Without Mask; Axis of Evil.

Introdução. O Mídia Sem Máscara, o fascismo e o neofascismo

O Brasil vem sendo palco de movimentos políticos localizados no espectro da extrema direita que possuem um virulento anticomunismo em seu discurso e procuram arregimentar adeptos para suas ideias através das redes sociais. Atualmente, um dos principais nichos anticomunistas organiza-se em torno do movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, que possui uma narrativa conspiracionista como esteio de suas análises sobre os problemas brasileiros e mundiais.

Este trabalho aborda o movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, a partir da obra produzida por um dos seguidores e participantes do

Email: ndrc@globo.com

referido movimento, o psicanalista Heitor de Paola, que redigiu o livro “O Eixo do Mal Latino-Americano” e “A Nova Ordem Mundial”², publicado em 2008, no qual apresenta um resumo das principais ideias do referido movimento, sendo tal obra chancelada por Olavo de Carvalho, que redigiu o seu prefácio, iniciando-o com uma ode ao autor da obra, definindo-o como “analista político”, embora ele não tenha qualificação acadêmica ou formação na área para debater ciência política, filosofia ou história:

Se o jornal eletrônico Mídia Sem Máscara não servisse para mais nada, só o ter revelado aos leitores brasileiros o analista político Heitor de Paola já bastaria para justificar sua existência e torná-la mesmo indispensável. O homem, de fato, não tem equivalente na "grande mídia" nem – até onde posso enxergar – nas cátedras universitárias, tal a amplitude do horizonte de informações com que lida em seus comentários e tal a clareza do olhar que ele lança sobre o vasto, complexo e móvel panorama da transição revolucionária latino-americana, reduzindo a sequências causais coerentes a variedade dos fatos em que seus colegas – digamos que o sejam – não enxergam senão um caos fortuito ou a imagem projetada de seus próprios sonhos, desejos, preconceitos e temores.³

Esta obra pode ser vista como um expoente do conspiracionismo no Brasil, pois baseia seu discurso na ideia de que os comunistas pretendem dominar o mundo e estariam por trás de vários acontecimentos recentes envolvendo figuras importantes do mundo político, econômico e cultural.

O aspecto a ser analisado na referida obra é a apropriação que o autor faz da história soviética, através da estratégia de sua descontextualização - da Revolução Bolchevique à Perestroika, com o objetivo de fortalecer a narrativa conspiracionista de caráter anticomunista que caracteriza toda a obra paolina.

² No site da Vide Editorial, uma das editoras virtuais alinhadas com as ideias divulgadas no Seminário de Filosofia, organizado por Olavo de Carvalho, uma pequena biografia do autor é apresentada: “Médico, psicanalista, escritor e comentarista político, estudioso de filosofia, filosofia da ciência, história, ciência política e política internacional. Articulista do jornal eletrônico Mídia Sem Máscara, dos Jornais Inconfidência e Visão Judaica, e do site Ternuma. Membro da *International Psycho-Analytical Association*. Ex *Clinical Consultant da Boyer House Foundation*, Berkeley, Califórnia. Membro do *Board of Directors da Drug Watch International*. Diretor Cultural do Farol da Democracia Representativa (www.faroldademocracia.org). Membro do Conselho Consultivo da organização Brasileiros Humanitários em Ação (www.braha.org). Membro da ONG Terrorismo Nunca mais (www.ternuma.com.br). Disponível em: <https://videeditorial.com.br/index.php?route=product/author&author_id=407> Acesso em 27 dez. 2019.

³ CARVALHO, Olavo de. Prefácio. PAOLA, Heitor de. **O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial**. São Paulo: Editora É Realizações, 2008. p. 15.

O Mídia Sem Máscara foi fundado em 2002, com o objetivo de "denunciar" o que chamam de "viés esquerdista" da mídia brasileira, que esconderia ou distorceria ideias e notícias. Assim, o movimento se pretende "sem máscara", ou seja, apresentaria notícias de forma "objetiva" e "neutra", imagem esta totalmente inverídica pelo viés direitista das narrativas de seus membros.

É um movimento formado por elementos da pequena burguesia, como jornalistas, advogados, professores, etc, que apresentam em seu discurso elementos da mentalidade fascista (teorias conspiratórias, aversão à diversidade política e étnico cultural, construção de inimigos internos e externos) e se preocupam em mobilizar vastos setores da sociedade em um movimento de confluência entre a propaganda e a publicidade, para produzir consenso em torno de ideias que servem aos interesses dos setores dominantes da grande burguesia, assim como possuem uma rede extrapartidária associada a vários aparelhos privados de hegemonia da grande e pequena burguesia.⁴

Consideramos o movimento Mídia Sem Máscara uma expressão do neofascismo no Brasil, acompanhando o amplo trabalho de Lucas Patschiki, que o apresenta como um projeto fascista que se insere nos fascismos de terceira onda, defensores das políticas neoliberais, e como parte da reação das forças conservadoras e racionárias da sociedade brasileira ao novo arranjo do bloco no poder após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República, em 2002. Tais forças utilizam o anticomunismo como base ideológica comum visando o acirramento da luta de classes e a crise aberta, para fomentar uma ruptura política que assegure a reprodução capitalista em bases neoliberais através de objetivos fascistas, sendo o principal deles "a quebra completa da organização da classe operária nos limites estatais-nacionais".⁵

Para introduzir essa discussão, é preciso realizar uma breve análise comparativa entre os fascismos clássicos e os chamados neofascismos. Segundo Kocka, "comparação em história significa discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente com respeito a suas similaridades e diferenças de

⁴ PATSCHIKI, Lucas. **Os Litores da nossa Burguesia: O Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária** (2002-2011). Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012, p. 123.

⁵ Ibidem, p. 16 e 17.

modo a alcançar certos objetivos intelectuais." Entre os méritos da abordagem comparativa estão o auxílio na identificação de questões e a clarificação de perfis de casos únicos. Quanto aos objetivos intelectuais, eles seriam de caráter heurístico, descritivo, analítico e paradigmático. Do ponto de vista heurístico, a análise comparativa permite identificar questões e problemas que podem ser perdidos, negligenciados ou não concebidos pelo historiador ao estudar determinado tema. Já a descrição torna possível o esclarecimento de perfis de casos singulares, contrastando-os com outros. Em termos analíticos, a comparação é imprescindível para formular questões causais e respondê-las. E no que diz respeito à função paradigmática da comparação, ela ajuda no distanciamento do caso melhor conhecido pelo historiador, muitas vezes a história do seu próprio país, permitindo a descoberta de que o caso mais familiar é apenas uma possibilidade entre outras.⁶

Assim, podemos nos fazer, entre outras, a seguinte questão: o que há de comum entre os fascismos clássicos e os neofascismos e o que os diferencia? Este trabalho procura responder de forma introdutória a esta problemática.

É extremamente importante a compreensão cada vez mais clara acerca do fascismo, pois se trata, segundo Konder, de um dos "fenômenos políticos mais significativos de século XX"⁷, e o seu espectro continua se fazendo presente no século XXI, contrariando as interpretações epocais sobre o fenômeno, que o situam apenas no contexto histórico do entreguerras.

Konder nos aponta que o fascismo possui uma universalidade que ultrapassa suas manifestações particulares (notadamente, o chamado fascismo clássico), já que despido de suas particularidades, o fascismo do entreguerras revela fundamentos que podem encontrar novas formas de manifestação, o que seria seu principal perigo. Mas a sua determinação está ligada ao capital e suas necessidades de reprodução ampliada em sua fase monopolista, em que o Estado é essencial para a acumulação de capital. O fascismo é uma espécie de direita, que não se confunde com os movimentos e partidos da direita tradicional, pois possui

⁶ KOCKA, Jürgen. Para Além da Comparação. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-281, ago, 2014, p. 270-281.

⁷KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 23.

uma retórica "revolucionária", embora seja socialmente conservador, serve-se de mitos irracionistas – como exemplo, o mito da nação (baseado na ideia de uma unidade fictícia, que abstrai os conflitos e as divisões sociais presentes nas sociedades) -, faz uso dos modernos meios de propaganda de massa, é chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista e antioperário.⁸

A comparação entre os fascismos clássicos e os neofascismos nos permite perceber que há uma essência fascista para além das manifestações particulares, contextuais e nacionais dos diversos fascismos existentes. E que o fascismo e seu espectro não estão presos no tempo ou em dado contexto histórico. O fato de não haver a forma do fascismo clássico (partido militarizado, uniforme marrons, suásticas, camisas negras, fascios) não nos permite falar de um não-fascismo, porque o substancial pode estar bem presente, ou seja, o irracionismo, a valorização dos sentimentos e dos instintos, o chauvinismo, o pragmatismo, o culto da nação mítica, o anticomunismo, a negação do outro, etc.⁹

Robert Paxton apresenta a essência do fascismo e de sua visão de mundo de forma bastante útil para a compreensão do espectro fascista do passado e do presente. Segundo ele, o fascismo é:

uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza.¹⁰

⁸ Ibidem, p. 52. Outros trabalhos importantes sobre o fascismo são o de Palmiro Togliatti, para quem o fascismo não é somente uma ditadura aberta, mas um regime reacionário de massas; e o de Nicos Poulantzas, que analisa o regime fascista como um reordenamento do bloco no poder, sob a hegemonia do capital monopolista, sendo gestado por uma crise política específica, cujas principais características seriam a crise de hegemonia entre as frações da burguesia, o descolamento entre as classes sociais e seus partidos tradicionais de representação, as derrotas das lutas operárias no período e a consequente introdução da ideologia pequeno-burguesa entre os trabalhadores. Ver TOGLIATTI, Palmiro. *Lezioni. Sul Fascismo, Opere Scelte. (a cura di Gianpasquale Santomassimo)*. Roma: Riuniti, 1974; e POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e Ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

⁹KONDER, Op. Cit., passim.

¹⁰ PAXTON, Robert. *Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 358-359.

A determinação de classe dos fascismos também é fundamental. Embora a origem do fascismo esteja ligada à pequena e média burguesia, que exatamente por se situar entre as duas principais classes da sociedade – a grande burguesia e o proletariado – pode falar em uma espécie de "transcendência de classe" e advogar o mito da nação, não se pode compreender a ascensão ao poder e o crescimento do movimento fascista sem atentar para a adesão do grande capital, que financiou o fascismo¹¹ e percebeu o quanto o mito nacional era funcional aos seus interesses de classe e ao controle social sobre os trabalhadores.¹²

Os denominados fascismos clássicos surgiram no período entreguerras, na esteira das consequências sociais, econômicas, políticas e culturais trazidas pela Primeira Guerra Mundial. As frustrações com os resultados deste conflito, as fissuras que ele deixou e a crise econômica de 1929 contribuíram para o surgimento e ou fortalecimento dos movimentos fascistas que, em um contexto de descrédito para com o liberalismo em todos os seus aspectos e da ascensão da ideia de revolução proletária no esteio da revolução bolchevique de 1917, passaram a ser uma opção para as camadas médias que temiam a perda de suas posições sociais, arregimentando também parte do proletariado e sendo instrumentalizados pelo grande capital.

Os fascismos clássicos, cujos maiores representantes foram o fascismo italiano e o nazismo alemão, centravam seu discurso no antissemitismo, fomentando a tese da conspiração judaica de dominação mundial¹³, no anticomunismo e no nacionalismo exacerbado, propondo uma nova forma de organização política e econômica, rompendo com o modelo da democracia liberal e

¹¹KONDER, Op. Cit, p. 49-51.

¹²Nas análises sobre o fascismo, destaca-se também a obra de Ian Kershaw, que procura sair tanto das abordagens marxistas que enfatizam as questões estruturais e de classe, como das abordagens de cunho personalistas, que dão demasiada ênfase ao papel da personalidade dos líderes fascistas, especificamente Hitler – tema de sua obra. As análises personalistas acabaram redundando na demonização de Hitler, exclusivamente culpabilizado por todo o destino da Alemanha nazista. Kershaw enfatiza que a personalidade e as ideias do líder nazista só floresceram porque as circunstâncias sociais o permitiram, assim como o aumento da extensão do poder de Hitler só foi possível porque houve colaboração, tolerância e cumplicidade de vastos setores sociais da Alemanha. Ver KERSHAW, Ian. **Hitler, um perfil do poder**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. p. 12-17.

¹³ É digno de nota, porém, que o fascismo italiano não foi, inicialmente, centrado no antissemitismo, tendo adotado políticas antissemitas apenas nos anos 1930, após sua aliança com a Alemanha nazista.

do livre mercado, e concebendo uma sociedade organizada de forma corporativa – visando eliminar a luta de classes -, com um Estado forte, autoritário e militarizado, e a construção da coesão social e nacional através da mobilização de massas em prol da depuração da nação dos seus "inimigos" – enxergados principalmente nos judeus e comunistas. Nos fascismos clássicos, a estrutura organizativa era feita com base no partido único, hierarquizado e militarizado, com suas milícias partidárias e combatentes, tendo um líder carismático à frente que incorporava os ideais nacionais e representava a nação.

A crise econômica do capitalismo em um contexto de ameaça revolucionária, já que um modelo alternativo ao capital se construía na URSS, fez com que o capital se abrisse para formas de controle social e político das classes trabalhadoras via fortalecimento do Estado policial e autoritário, com intervenção econômica no mercado e construção de arranjos institucionais que promovessem um reordenamento do bloco no poder, para que a reprodução capitalista pudesse subsistir sob a hegemonia do grande capital monopolista. A burguesia industrial e financeira passou a ver com bons olhos a intervenção do Estado no fortalecimento do capitalismo monopolista e na destruição de todo vestígio de livre concorrência.

Os chamados neofascismos inserem-se no contexto do pós-guerra, após a derrota dos fascismos clássicos pelos aliados. Em um novo contexto histórico, em que as ideias e práticas fascistas foram rechaçadas após a tragédia do extermínio nazista, os fascistas tiveram que sofrer algumas metamorfoses para sobreviverem nas novas circunstâncias históricas. São chamados de fascismo de "segunda onda", que modificaram suas formas de organização e algumas ideias, inserindo-se na democracia parlamentar burguesa. Neste caso, tais partidos e ou movimentos fascistas abandonaram o corporativismo e passaram a enfatizar quase que exclusivamente o combate ao comunismo e a aceitação da pluralidade partidária, sendo, portanto, bastante úteis no contexto da Guerra Fria e auxiliares na luta do Ocidente capitalista e liberal contra a URSS e seus aliados.¹⁴

¹⁴ Como exemplo de fascismos da segunda onda, temos o Movimento Sociale Italiano (MSI), fundado em 1972; o Partido Nacional Democrático da Alemanha (NPD), criado em 1964 a partir da fusão de várias agremiações de direita; e o Partido de Representação Popular (PRP), que agregou os integralistas brasileiros no pós-guerra.

Os fascismos de "terceira onda" surgiram a partir da década de 1980 e abarcam o período pós-Guerra Fria, quando, devido ao fim do chamado socialismo real, passaram a centralizar seus ataques principalmente aos imigrantes e ao islamismo, embora o discurso anticomunista não tenha desaparecido, defendem políticas neoliberais e a retirada de direitos dos trabalhadores. Os neofascismos de terceira onda apresentam uma estrutura organizativa diferente da dos fascismos clássicos, havendo uma descentralização de suas diversas instituições de luta e, mesmo os partidos ainda sendo altamente centralizados em torno de lideranças específicas, eles não assumem mais o caráter organizativo e simbólico dos partidos fascistas clássicos, formando-se redes extra-partidárias e até células relativamente autônomas para evitar a sua marginalização e a criminalização do centro do movimento, em caso de ações diretas de milícias, já que estas não são mais vinculadas estreitamente ao partido.¹⁵

Como resultado dessa estrutura descentralizada, são possíveis iniciativas criativas de atração de militantes, além do uso ostensivo da internet para atuação política – não somente para propaganda e disseminação ideológica, mas também para organização, cooptação, formação e confronto ideológico.¹⁶

Cabe um breve comentário acerca dos neofascismos surgidos nos países do Leste Europeu após a queda dos regimes do socialismo real. Hockenos¹⁷ faz uma análise das realidades da Europa Oriental, salientando o surgimento e fortalecimento da extrema-direita de caráter fascista em vários países da região, calcada em um nacionalismo exacerbado, no racismo contra minorias étnicas e no chauvinismo, chegando a casos extremos de genocídio (como no caso da guerra da Bósnia), trazendo à tona rivalidades étnicas e históricas em uma população heterogênea que vivia sob o manto do Estado comunista. O autor enfatiza que a ideia de nação e os mitos nacionais funcionam como uma "panacéia redentora", e os nacionalistas extremistas tentam mobilizar o povo em torno de uma visão do passado, supostamente marcado por "uma glória nacional sufocada pelo

¹⁵ PATSCHIKI, Op. Cit., p. 21. Entre os fascismos de terceira onda, pode-se incluir, além do próprio Mídia Sem Máscara, a Frente Nacional (FN) francesa, surgida na década de 1980 ; e o Tea Party norte-americano, fundado em 2009.

¹⁶ Ibidem, p. 21.

¹⁷ HOCKENOS, Paul. **Livres Para Odiar. Neonazistas: ameaça e poder.** São Paulo: Scritta, 1995, passim.

comunismo", visto como um regime de ocupação estrangeira, que desrespeitava as tradições nacionais. Dessa forma, as expectativas de uma "Europa unida" após o fim do socialismo real, do fortalecimento da democracia liberal e de conquistas econômicas que seriam trazidas pela introdução da economia de mercado na região foram substituídas por frustrações e ansiedades, principalmente entre os mais jovens, ao se depararem com uma grave crise social e econômica, com o aumento da desigualdade, com o enfrentamento de problemas até então desconhecidos pela população – como altas taxas de desemprego – e o empobrecimento do povo como resultado das políticas de choque exigidas pelo FMI e pelo BIRD para a obtenção de investimentos externos e empréstimos. Essa situação de deterioração econômica e social alimentou e impulsionou os apelos dos nacionalistas de extrema-direita, que souberam canalizar as frustrações da população para ideias xenófobas, racistas e fascistas.

As mudanças e adaptações do fascismo ao longo do tempo estão ligadas às necessidades da reprodução ampliada do capital, pois o fascismo é útil para que tal reprodução ocorra em caso de crises, tendo, porém, que apresentar algumas mudanças organizativas e até ideológicas para continuar a ser aceito e usado como instrumento de mobilização das massas na luta do capital contra a expansão de ideias e movimentos ligados aos interesses das classes proletárias e que possam obstaculizar a acumulação capitalista. No caso específico do *Mídia Sem Máscara*, enquanto fascismo de "terceira onda", podemos situá-lo tanto na luta contra medidas consideradas progressistas após a ascensão do PT ao poder como na defesa do desmonte ultraliberal do Estado e das reformas que retiram direitos trabalhistas e previdenciários colocados em prática a partir do governo de Michel Temer, em 2016.

O conspiracionismo continua fazendo parte dos movimentos neofascistas, mas o *Mídia Sem Máscara* apresenta algumas novidades em relação aos fascismos clássicos. Nestes, a figura do judeu era central no discurso do "inimigo" nacional, pois era acusado de todos os males sociais. O elo de ligação entre os banqueiros capitalistas e os comunistas era o judeu, a "ânsia de domínio mundial" pertenceria a ele. Para o *Mídia Sem Máscara*, no entanto, os judeus deixaram de ser os inimigos, possuindo, inclusive, uma atitude claramente pró-Israel. Os alvos semíticos passam

a ser os árabes muçulmanos, sendo a islamofobia uma das características do movimento liderado por Olavo de Carvalho. O islã é acusado de pretender dominar o mundo, utilizando, para isso, a imigração em massa de muçulmanos para a Europa, com o suposto intuito de "destruir a civilização judaico-cristã".¹⁸ Se, para os fascistas clássicos, os comunistas estavam de mãos dadas com os judeus, para o Mídia Sem Máscara, os comunistas agora se aliam ao islamismo.

Uma outra característica do Mídia Sem Máscara que o diferencia do fascismo clássico é a defesa da liberdade e da democracia sob o modelo do capitalismo liberal de mercado. É nítido nos escritos de Carvalho e seus seguidores a contraposição entre os "totalitarismos", que associam tanto ao comunismo e ao nazismo – reeditando a tese predominante durante a Guerra Fria –, e a "democracia" liberal do Ocidente, assim como enaltecem o capitalismo enquanto modelo de liberdade do indivíduo em oposição ao socialismo, representado como opressor em relação aos direitos do indivíduo. O discurso da "democracia" é compreensível diante da necessidade de adaptar o espectro fascista ao sistema liberal democrático, pois os neofascismos agem dentro do sistema liberal e procuram "conciliar" as ideias de intolerância e o discurso do inimigo nacional à defesa do modelo democrático. Mas ao mesmo tempo, demonstram sua essência antidemocrática, ao tratarem os adversários como inimigos e não como forças legítimas na disputa política.

Quanto à defesa do capitalismo, é importante dizer que o fascismo sempre foi pró-capital, ainda que os clássicos procurassem um modelo corporativista e adotassem um discurso "anticapitalista". O "anticapitalismo" dos fascismos clássicos, no entanto, significava a crítica à hegemonia do grande capital, principalmente o capital usurário, sobre o Estado, em detrimento das médias e pequenas burguesias. Não atacavam o sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção, mas buscavam um equilíbrio que garantisse uma harmonia de classes e a possibilidade de ascensão para as classes médias.

¹⁸ Ver CARVALHO, Olavo de. As garras da Esfinge – René Guénon e a islamização do Ocidente. **Verbum**, Ano I, Números 1 e 2, Julho-Outubro, 2016. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/as-garras-da-esfinge-rene-guenon-e-a-islamizacao-do-ocidente/>>. Acesso em 03 ago. 2018.

Era, portanto, um modelo interventor, tendo o Estado fascista como o grande fiador desse equilíbrio, embora, após chegarem ao poder, tenham beneficiado principalmente o grande capital em suas medidas. Já o fascismo do Mídia Sem Máscara é neoliberal e está a serviço das necessidades do capitalismo atual quanto ao corte de custos e à ampliação das possibilidades de expansão e reprodução do capital às custas do setor público e dos direitos dos trabalhadores, em um contexto em que não há mais uma ameaça concreta de um modelo alternativo de sociedade. Não possuem um discurso "anticapitalista", mesmo que retórico, ao contrário, defendem abertamente o capitalismo e, quando criticam o grande capital, os banqueiros e os monopólios privados, não os associam ao sistema capitalista, mas ao que chamam de "metacapitalismo", algo que não pertence à essência do capital. Segundo Carvalho,

um século de liberdade econômica e política [foi] suficiente para tornar alguns capitalistas tão formidavelmente ricos que eles já não querem se submeter às veleidades do mercado que os enriqueceu. Já não são megacapitalistas: são metacapitalistas - a classe que transcendeu o capitalismo e o transformou no único socialismo que algum dia existiu ou existirá, o socialismo dos grão senhores e dos engenheiros sociais a seu serviço.¹⁹

Desconsideram, portanto, a tendência natural do capitalismo à concentração e centralização do capital, associando tal fenômeno, em vez disso, a falhas de caráter de indivíduos isolados que burlam as leis da livre concorrência para enriquecer. Dessa forma, retiram do sistema a responsabilidade pela existência do grande capital usurário e monopólico ou oligopólico, já que o verdadeiro capitalismo, na visão do movimento, é o de livre concorrência.

O fato de terem que usar a máscara de defensores da "democracia" e adotarem aparentemente um discurso liberal-democrático, permite que não se assumam enquanto defensores do espectro fascista, e utilizam a tese do "totalitarismo" para retirarem do campo da direita o fenômeno fascista, já que o ligam ao comunismo enquanto representante do Estado "totalitário". Nesse sentido, aproximam-se da tese desenvolvida por Hannah Arendt, que utiliza o conceito de "totalitarismo" para se referir tanto ao nazismo alemão como ao

¹⁹ CARVALHO apud PAOLA, Heitor de. **O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial**. São Paulo: Editora É Realizações, 2008. p. 254-255.

bolchevismo soviético, colocando sob um mesmo conceito regimes totalmente distintos no que diz respeito ao seu conteúdo de classe e ao projeto de sociedade que defendem.²⁰

O Mídia Sem Máscara apresenta também uma novidade discursiva: desenvolve a tese do "nazismo de esquerda", com base na questão da intervenção do Estado na vida social, desconsiderando a essência de ambos os regimes e limitando-se a aspectos superficiais, como se o Estado nazista tivesse a mesma natureza de classe e se propusesse aos mesmos fins que o Estado comunista (os Estados do socialismo real). E como se o Estado não fosse absolutamente necessário também à acumulação de capital, através da sua intervenção em sociedades capitalistas voltada para garantir a propriedade privada dos meios de produção e a apropriação privada da riqueza social. Segundo Olavo de Carvalho:

O nazismo evidentemente faz parte do processo revolucionário mundial. E sobretudo o fascismo italiano era uma dissidência interna do movimento socialista. Na verdade, a palavra totalitarismo foi invenção dos fascistas italianos, e o Mussolini subscreveu, ele adotou essa palavra, ele achou bonito o totalitarismo. E ele definiu como tudo dentro do Estado, nada fora do Estado e nada contra o Estado. Então, todo esse pessoal que adora intervencionismo estatal, isso tudo é a esquerda mundial. A esquerda é isso, a esquerda é intervencionismo estatal.²¹

Dessa forma, a tese do "nazismo de esquerda" tem a função de negar a essência fascista do movimento e relacionar o fascismo à esquerda; isso só é possível porque, enquanto um movimento neofascista, o Mídia Sem Máscara não assume as formas do fascismo clássico.

O Mídia Sem Máscara propaga um discurso de ódio e constrói estereótipos acerca de grupos sociais e movimentos situados à esquerda do espectro político, bem como propaga um moralismo de caráter cristão contra alvos considerados destoantes do padrão moral que defendem, pretendendo unificar uma base de massas na luta contra os inimigos construídos. Seu espectro fascista está presente em seu discurso islamofóbico, lgbtfóbico, misógino, anti-indigenista, anticomunista, antifeminista, anti-movimento negro e antiesquerdista em geral,

²⁰ARENDR, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

²¹ CARVALHO, Olavo de. **O Nazismo era esquerdista? E o Fascismo?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oODfzPLE_m4>, min. 0,56 a 1,34. Acesso em 27 dez. 2019.

pois ambos os alvos são colocados em uma posição de contrários aos interesses nacionais e à civilização ocidental judaico-cristã.²² A ideia de conspiração do inimigo também está presente e fortalece a mobilização que o movimento pretende realizar através das mídias sociais.

Nesse sentido, o discurso neofascista do movimento é funcional aos interesses do capital, pois ajuda a canalizar os ressentimentos, as frustrações e os temores sociais das massas trabalhadoras contra alvos específicos, contribuindo para que a organização de classe contra os interesses do capital seja enfraquecida e dificultada. O anticomunismo tem um papel bastante preponderante no movimento Mídia Sem Máscara, pois através dele se articula a luta contra os demais inimigos eleitos, já que todos estariam relacionados em torno de uma proposta de revolução contra a ordem social capitalista e judaico-cristã. Por isso, embora o comunismo não exista mais enquanto uma ameaça concreta ao sistema capitalista após o fim das experiências socialistas do leste europeu, o anticomunismo continua bastante presente nas ideias conspiracionistas do movimento de Olavo de Carvalho, e serve para atemorizar as massas contra tudo aquilo que possa ser percebido como ameaça ao acúmulo desenfreado de capital.

O Eixo do Mal, o conspiracionismo e o anticomunismo

No contexto histórico da crise dos regimes do chamado “socialismo real” e da desintegração da URSS, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, várias obras sobre a experiência soviética começaram a ocupar o espaço no terreno dos estudos sobre o tema, retomando antigas ideias e narrativas dos chamados “soviétólogos” dos anos 1930 e 1940, que analisavam o “socialismo real” com base em conceitos como “totalitarismo”²³ e eram profundamente marcados pelo

²²Ver CARVALHO, Olavo de. A Revolução Abrangente. **Diário do Comércio**, 27 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/a-revolucao-abrangente/>>. Acesso em 01 ago. 2018.

²³ A teoria do “totalitarismo” estava presente em vários estudos no Ocidente sobre a realidade soviética. Os trabalhos mais conhecidos nesta linha interpretativa são os de Hannah Arendt, *As Origens do Totalitarismo* – lançado em 1949 -, e de Carl J. Freiderich e Zbigniew Brzezinski, *Ditadura Totalitária e Autocracia* – que data de 1956. Ambas as obras deslocam a comparação entre o fascismo italiano e o nazismo alemão para a comparação entre este e a ditadura stalinista da URSS. A função ideológica dessa teoria para os interesses geopolíticos dos EUA durante a Guerra Fria era “unir num mesmo conceito os inimigos de ontem (a Alemanha nazista) com os inimigos de então (a URSS), esquecendo-se do papel decisivo da URSS na derrota das potências do Eixo.” (MELO,

contexto da Guerra Fria. Em tais análises, o regime “totalitário” teria sido planejado desde o surgimento dos bolcheviques, no início do século XX, e a Revolução de Outubro de 1917 seria, na verdade, um golpe de Estado realizado por um grupo de fanáticos que queriam sangue e poder.²⁴

Com o fim do “socialismo real”, autores como Richard Pipes e Robert Conquest, entre outros, trouxeram de volta essas interpretações, mas que cumpriam o objetivo de fortalecer a tese triunfalista da suposta vitória do capitalismo e da “liberdade” sobre o socialismo e o “totalitarismo”, sendo um dos expoentes desse triunfalismo a obra de Francis Fukuyama, “O Fim da História”, publicada em 1989.

A ideia do triunfo liberal capitalista embasou a ideologia da superioridade incontestável da economia de mercado e as críticas a qualquer forma de regulação social – seja o Estado do bem estar social, seja o planejamento de tipo soviético, acompanhadas da ideia de que qualquer mudança radical na sociedade é impossível de dar certo e deve, por isso, ser evitada. Houve, portanto, uma liquidação de toda tradição revolucionária e o surgimento, nesse contexto, de uma literatura revisionista em relação a vários temas caros à historiografia, como a revolução francesa e também a Revolução de Outubro de 1917.²⁵

Foi nesse contexto também que autores como Friedrich Hayek e Ludwig von Mises retomaram força no mercado, com suas teses liberais produzidas ainda nos anos 1940, que representavam uma luta política contra as então dominantes ideias intervencionistas e de planejamento econômico, apresentadas por eles como ameaças às instituições e valores de uma sociedade livre. Hayek, por exemplo, afirmava que estaria em curso um processo de formação de um consenso socialista, concebido por ele como uma “ideologia totalitária” que realizava a intervenção do

Demian B. & MONTEIRO, Marcio L. Os ciclos de revisionismo histórico nos estudos sobre a Revolução Russa. **Rev. Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 08, N.3, p. 2256-2294, 2017,, p. 2267.

²⁴SEGRILLO, Angelo (a). Historiografia da Revolução Russa: Antigas e Novas Abordagens. **Projeto História**, nº 41, Dezembro, 2010, p. 63-92, p. 73.

²⁵ MELO, Demian. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. In **Marx e o Marxismo**, vol. 1, n. 1, julho/dez., 2013, p. 50-74, p. 54.

governo na economia e na vida pessoal dos indivíduos por meio do arbítrio e da coerção.²⁶

Portanto, tais ideias são retomadas com o colapso do “socialismo real”, sendo este apresentado como o exemplo de que os autores liberais estariam certos em seus argumentos, principalmente pelo fato de as experiências socialistas terem sido marcadas por um traço autoritário e burocrático. Assim, iniciaram-se as práticas neoliberais de desmonte do Estado e de políticas sociais, com o argumento de que o excesso de gastos públicos provoca inflação e distorções no mercado. Vários governos neoliberais ascenderam ao poder, na América Latina, e passaram a adotar a receita econômica do Consenso de Washington²⁷ para os países, como estabilização monetária, rígida disciplina fiscal, mudanças de prioridades nos gastos públicos, reforma tributária, privatizações, taxas de câmbio flutuantes, desregulamentação da economia, garantia aos direitos de propriedade, etc.

As consequências do neoliberalismo foram negativas, com o aumento da desigualdade e da pobreza, a manutenção da estagnação nas taxas de crescimento econômico e o aumento do desemprego ou geração de empregos de baixa qualificação. A crise de 1998 colocou em xeque o neoliberalismo, pois, em grande parte, foi consequência da desregulamentação dos mercados, inclusive, do financeiro. Isso fez com que fosse necessário uma correção de rumo, com projetos de refuncionalização do Estado, que passaria a ter uma função reguladora das atividades econômicas, operacionalizando junto com o setor privado políticas sociais emergenciais, focalizadas e assistencialistas para garantir as taxas de acumulação do capital e diminuir os problemas sociais, sem contudo abandonar os mecanismos de mercado na produção da riqueza.²⁸

As contestações ao modelo neoliberal, com a ocorrência de vários protestos e críticas à globalização, acendeu o alarme nas classes dominantes. Em vários países da América Latina, por exemplo, chegaram ao poder governos mais

²⁶ CASTELO, Rodrigo. **O Social-Liberalismo. Auge e Crise da Supremacia Burguesa na Era Neoliberal**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 217.

²⁷ Conferência promovida pelo Institut for International Economics que reuniu economistas de oito países latino-americanos - Argentina, Brasil, Chile, México, Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia, para apresentar soluções para a crise que começava a afetar seriamente os interesses dos Estados Unidos ao reduzir na América Latina a capacidade de importar e atender ao serviço da dívida externa.

²⁸ *Ibidem*, p. 24.

progressistas, que vão de uma orientação mais socialista até o chamado social liberalismo, que tinham em comum a recusa das políticas radicais do neoliberalismo, procurando implantar políticas sociais mais sistemáticas e estímulo ao desenvolvimento econômico por meio dos investimentos públicos.

Nas classes dominantes, esse recuo, ainda que superficial, do neoliberalismo não foi bem aceito, abrindo espaço para o surgimento de grupos de direita que reforçaram novamente o discurso anticomunista e anti-esquerdista em geral e, no Brasil, o *Mídia Sem Máscara* é um exemplo, pois iniciou seus trabalhos no ano em que Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, foi eleito à presidência, em 2002, tendo como objetivo agrupar diversos intelectuais de direita, para construir narrativas de desqualificação e demonização das esquerdas e dos comunistas e reforçar a resistência neoliberal a um governo que tinha algum comprometimento com as causas populares.²⁹

O conspiracionismo do *Mídia Sem Máscara* constrói uma narrativa contrária às teses triunfalistas elaboradas no contexto do fim do “socialismo real”, pois, enquanto o triunfalismo garantia a vitória incontestada do capitalismo e o fim da ameaça comunista, os adeptos do movimento acreditam que o comunismo continua sendo uma ameaça ao “mundo livre e democrático”. Na visão de Olavo de Carvalho e seus seguidores, como Heitor de Paola, o comunismo estaria representado, na América Latina, por um conjunto de países tidos como o “eixo do mal” - Cuba, Venezuela e Brasil, principalmente -, ou seja, os governos de Fidel Castro, Hugo Chavez e Luiz Inácio Lula da Silva, respectivamente. Faz parte dessa narrativa, a ideia de que o chamado Foro de São Paulo teria o objetivo de apoiar a revolução comunista mundial, assim como a criação de uma suposta União das Repúblicas Socialistas da América Latina (URSAL). A crítica ao triunfalismo aparece na obra de Paola, que chega a associar o autor da tese do “fim da história”, Francis

²⁹Faz parte desse discurso a ideia de que o Brasil viveria uma “guerra ideológica” liderada pelos chamados “petralhas”, isto é, os militantes do Partido dos Trabalhadores (PT), que pretendiam transformar o Brasil num país comunista, e subverteriam a sociedade, criando as condições para o caos e a opressão “totalitária”. O termo “petralha” é um acrônimo, unindo as palavras petistas e “irmãos metralhas”, personagens criminosos dos Estúdios Disney, demonstrando o caráter coletivamente criminoso da militância e do PT, como se ele fosse, na verdade, não um partido, mas sim uma organização criminosa. (CASTRO, Ricardo F. *Venenos Antidemocracia: conspiracionismo, ideologia e política*. **Anais do XVII Encontro de História da Anpuh**. Rio de Janeiro, 2016, p. 4.

Fukuyama, com organizações “de esquerda”, por supostamente querer construir a ideia de que o comunismo deixou de ser ameaça.³⁰

Com a ideia fixa em uma suposta ameaça comunista mundial, os conspiracionistas brasileiros que fazem parte do movimento “Mídia Sem Máscara”, de Olavo de Carvalho, reproduzem algumas teses dos soviétólogos, citados anteriormente, mais especificamente a tese do “totalitarismo”, para se referir às experiências socialistas existentes ou que existiram e a visão teleológica da história soviética. Segundo Cohen, os “soviétólogos” são orientados pelo que ele chama de “determinismo monocausal”, ao reduzirem os eventos da história soviética a consequências diretas das ações e desejos das lideranças bolcheviques, dando à história um caráter de inevitabilidade. Trata-se, segundo ele, de um método analítico que avalia “o passado nos termos do presente, os antecedentes nos termos dos resultados”.³¹

Na obra de Heitor de Paola, a demonização do comunismo e dos comunistas é a tônica central, relacionando todos os resultados “negativos” das experiências socialistas ao caráter maléfico das lideranças comunistas e aos seus desejos de poder e domínio mundial. Os processos e contextos históricos ficam de fora da narrativa, pois o objetivo é a anatemização dos comunistas e do comunismo, bem como da própria ideia de revolução. Esse mesmo processo ocorre na literatura revisionista de caráter anticomunista sobre a história soviética, conforme nos diz Manuel Loff. A ideia de “anatemização” da revolução é o princípio de que as revoluções são anomalias ou catalisadoras de desordem social, e teria sido determinante na formulação da tese do totalitarismo.³²

Assim sendo, pode-se dizer que a obra de Heitor de Paola se inspira na literatura revisionista anticomunista, que retoma as teses dos soviétólogos dos anos 1940, embora Paola não cite diretamente, durante o desenvolvimento de seus argumentos, autores que se enquadram nessa linha, mas reproduz a mesma narrativa. Apenas as obras de Stephanie Courtois – “O Livro Negro do

³⁰ PAOLA, Op. Cit., p. 19-20.

³¹ COHEN, Stephen. **Rethinking the Soviet Experience. Politics and History since 1917**. Oxford: Oxford University Press, 1985, p. 43-44 e 52.

³² LOFF, Manuel. Dictatorship and revolution: Socio-political reconstructions of collective memory in post-authoritarian Portugal. **Culture & History Digital Journal**, 3, 2014, p. 57.

Comunismo”³³ - e de François Furet – “O Passado de uma Ilusão”³⁴ – aparecem em seu livro, porém, a primeira só é citada na referência bibliográfica e a segunda aparece em corpo de texto, mas sem aprofundamento algum.

Segundo Barkun³⁵ e Taguieff³⁶, são quatro os princípios básicos do conspiracionismo: “nada acontece por acidente”, “nada é o que parece”, “tudo está conectado” e “tudo o que acontece é o resultado de vontades ocultas e malignas”. Tal discurso entende a política como a luta entre forças do bem e forças do mal, e tal luta ocorreria nos bastidores ocultos da política. Segundo Castro³⁷, “o conspiracionismo se tornou um dos principais elementos da cultura política ocidental, como exemplificam a teoria da conspiração da ‘Nova Ordem Mundial’ e do ‘marxismo cultural’”.

Quanto à origem do termo “marxismo cultural”, pode-se dizer que surgiu nos EUA, durante os anos 1990, nos círculos políticos da direita religiosa, sendo seus principais divulgadores, William Lind, Paul Weyrich, Pat Buchanan e o Free Congress Foundation. Segundo os defensores dessa tese conspiratória, vários elementos presentes na cultura política norte-americana desde o final do século XX – como defesa dos direitos humanos e civis para as diferentes “minorias” (homossexuais, negros, imigrantes), multiculturalismo, Estado laico, humanismo crítico, estudos de gênero, ambientalismo e feminismo – seriam uma “guerra ideológica” contra os valores, a cultura e a sociedade norte-americana. Essa guerra seria o resultado da ação subversiva dos intelectuais marxistas organizados em torno da “Escola de Frankfurt”, que migraram para os Estados Unidos ao longo dos anos 1930 para fugir da Alemanha nazista, principalmente Theodor Adorno e Max Horkheimer, judeus e marxistas.³⁸

³³COURTOIS, Stéphane ; WERTH, Nicola; PANNE, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOSEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis. **O Livro negro do comunismo (Crimes terror e repressão)**. 1ª edição. São Paulo: Ed Bertrand, 1990.

³⁴FURET, François. **O Passado de uma Ilusão: Ensaio sobre a ideia comunista no século XX**. São Paulo: Siciliano, 1995.

³⁵BARKUN, Michael. **The culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America**. Berkeley: University of California Press, 2003. p. 4.

³⁶TAGUIEFF, Pierre-André. **L’imaginaire du complot mondial: aspects d’un mythe moderne**. Paris: Éditions Mille et Une Nuits, 2006. p. 57.

³⁷CASTRO, R. Op. Cit., p. 4.

³⁸Ibidem, p. 6.

O Mídia Sem Máscara é, no Brasil, o principal veículo de disseminação dessas teses conspiratórias, considerando-se que Olavo de Carvalho, o líder do movimento, reside nos EUA e se nutre do ambiente conspiracionista norte-americano, reproduzindo grande parte de seu discurso no Brasil.

As Descontextualizações da história soviética

A narrativa de Heitor de Paola é baseada em uma estratégia discursiva que relaciona fatos e eventos históricos a uma teia conspirativa que tornaria esses eventos inteligíveis. Como nas teorias conspiracionistas nada é por acaso, ligam-se fatos e eventos díspares ou não-interligados a intenções maléficas dos comunistas visando ao suposto domínio mundial. O que ocorre então é a interpretação de fatos e eventos à luz da teoria conspiratória assumida previamente como verdade absoluta e, para isso, é preciso descontextualizar os fatos e eventos interpretados, para que eles ganhem significados novos e pareçam confirmar a tese conspiratória. Apresentaremos alguns exemplos dessas descontextualizações na obra de Paola, todas elas referentes a momentos da história soviética. O objetivo da estratégia descontextualizante é a “demonização” de todo o processo revolucionário iniciado com a revolução bolchevique de outubro de 1917.

O “ouro alemão”, o Tratado de Brest-Litovsky e o Pacto germano-soviético

Paola encontra relações entre um suposto acordo entre Lenin e o governo alemão feito em 1917 - que teria permitido sua passagem pelo território da Alemanha para chegar à Rússia e fazer a revolução -, a assinatura do Tratado de Brest-Litovsky em 1919 - que selou a paz entre a Rússia bolchevique e a Alemanha durante a primeira guerra mundial - e o pacto germano-soviético de 1939 - o pacto Ribbentrop-Molotov de não-agressão entre a Alemanha nazista e a URSS. Tais “relações” sustentam a sua tese de que teria havido uma “operação de desinformação” soviética, segundo a qual haveria um antagonismo mortal entre a “esquerda socialista” e a “direita fascista”. O pacto de 1939 seria apenas a culminação de uma “conspiração secreta” iniciada logo após a Primeira Guerra Mundial, que seria negada após a invasão da URSS pela Alemanha nazista em 1941. Teria feito parte dessa conspiração o Tratado de Rapallo, de 1922. O autor sugere

que soviéticos e nazistas eram aliados em essência, e não apenas ocasionais, tentando defender a ideia de que nazismo e comunismo eram semelhantes e não inimigos por princípio, ou seja, estavam unidos “contra o mundo ocidental”. Após a Segunda Guerra Mundial, Stalin teria utilizado o Kominform³⁹ para “plantar” no Ocidente “a falsidade da oposição entre socialismo – de esquerda - e o nazi-fascismo - de direita, mas na verdade eram iguais.”⁴⁰

O autor mistura em uma mesma narrativa fatos verdadeiros com especulações até hoje não provadas e que foram muito utilizadas na época da revolução bolchevique para desacreditar a liderança de Lenin e o processo revolucionário. O primeiro elemento da narrativa acima é o chamado “ouro alemão”. Trata-se de um boato cuja origem remonta à publicação no jornal *Novoie Vremia* (Tempo Novo) de um documento com tonalidade oficial afirmando que Lenin recebia diretrizes e dinheiro alemão. A “notícia” logo foi espalhada por toda a imprensa da época. Mas o documento tinha como fonte as confissões de um russo que era alferes do 16.º Regimento Siberiano de Atiradores. Seu nome era Ermolenko. No dia 4 de abril, Lenin publicou as suas famosas “Teses de Abril”, nas quais declarava guerra ao governo provisório que assumiu o poder após a revolução de fevereiro de 1917, defendendo a retirada da Rússia da guerra. Nos dias 20 e 21 de fevereiro ocorreu uma manifestação armada contra o prolongamento da guerra. Lenin sofria forte perseguição, com os jornais demonstrando que a sua política era favorável ao Kaiser alemão, dando a entender que ele era um agente da Alemanha. Os oficiais e comissários russos que lutavam contra o bolchevismo dos soldados ajudavam a fortalecer os boatos e Ermolenko aderiu à corrente. A ideia foi sendo apropriada pelos contrarrevolucionários para reforçar sua campanha contra os bolcheviques.⁴¹

Paola relaciona esse suposto dinheiro alemão dado a Lenin com a assinatura do Tratado de Brest-Litovksy, assinado em 1918, o qual foi bastante desfavorável

³⁹ O Kominform ou Cominform (que em português significa "Escritório de Informação dos Partidos Comunistas e Operários") era a organização internacional liderada pelo PCUS, criada em 1947, e cujo objetivo era promover o intercâmbio de informações e coordenar as ações dos vários partidos comunistas da Europa. Foi sucedânea do Komintern (a Terceira Internacional Comunista, criada em 1919 e dissolvida pela URSS em 1943).

⁴⁰ PAOLA, op. cit., p. 121-25.

⁴¹ TROTSKY, Leon. **A História da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 488-89.

para a Rússia. Ou seja, Lenin teria aceitado um acordo benéfico para a Alemanha em troca do dinheiro recebido. No entanto, a narrativa que liga os dois fatos (embora o primeiro não possa ser considerado verdadeiro) baseia-se em uma série de omissões acerca de elementos da história dos próprios bolcheviques ou do contexto da decisão pela assinatura do tratado. Um desses elementos era a posição tradicionalmente adotada contra o envolvimento do proletariado em guerras imperialistas. Logo, assinar um acordo para retirar a Rússia da guerra seria providência mais do que esperada dos bolcheviques assim que assumissem o poder e era uma das bandeiras da Revolução de Outubro. A suposição também não explica por que a assinatura do tratado foi precedida de intensos debates dentro do partido bolchevique, com posicionamentos diferenciados e conflituosos, que ajudaram a retardar a solução do problema. Portanto, esses debates também não aparecem na narrativa paolina. O autor parte do pressuposto de que Lenin poderia decidir sozinho assinar a paz com a Alemanha por estar em dívida com o país que o teria supostamente ajudado a entrar na Rússia para fazer a revolução. Mas os documentos estão à disposição dos pesquisadores para serem consultados e comprovam toda a discussão que ocorreu entre os bolcheviques dentro do partido a respeito dessa questão, e estava centrada em torno de três teses defendidas por diferentes grupos. A primeira, advogada por Lenin, defendia a assinatura do acordo de paz em separado com a Alemanha, por achar que a continuidade da guerra era insustentável diante das condições em que se encontrava a Rússia e seria a melhor solução tendo em vista o reforço da revolução socialista no país. A segunda tese, que tinha Trotsky entre seus defensores, elaborou a fórmula “nem paz nem guerra”, ou seja, a Rússia não assinaria nenhum acordo de paz, mas cessaria as hostilidades e desmobilizaria o seu exército. A terceira tese advogava a guerra revolucionária, transformando a guerra imperialista em luta revolucionária em vários países.⁴²

A demora na decisão sobre a questão fez com que os alemães se fortalecessem e impusessem condições ainda mais duras para a assinatura do acordo. As condições altamente desfavoráveis do acordo para a Rússia deveram-se,

⁴²Ver LENIN, V. I. **Obras Escolhidas**. Lisboa-Moscovo: Edições Progresso, Tomo 2, 1977. p. 453-59.

portanto, não a um trato anterior de Lenin com os alemães, mas à luta interna dentro do partido bolchevique acerca de qual decisão tomar, deteriorando ainda mais as condições, até que foi inevitável a assinatura do acordo de paz. As teses alternativas à assinatura do tratado eram incompatíveis com a fraqueza militar, econômica e social da Rússia no momento e se fossem colocadas em prática significariam o fim do governo bolchevique.⁴³

Paola omite todo esse processo, em sua tentativa de ligar o desfecho em Brest-Litovsky ao suposto “ouro alemão”. Assim, ele descontextualiza a assinatura do tratado, feito em contexto de ameaça alemã de invasão do território russo e da não-existência de um exército capaz de combater tal ameaça, com o agravante de ser uma luta desigual entre um país camponês arruinado e uma nação imperialista avançada, o que significaria, em caso de resistência, a derrota e a derrubada do poder soviético.⁴⁴

Paola insere na narrativa o Tratado de Rapallo, enfatizando com muito vigor um fato realmente verídico: a existência de itens secretos no acordo, que previam cooperação tecnológica da Alemanha para a URSS em troca de construção de fábricas de armamentos alemães em território soviético, com o objetivo de burlar o Tratado de Versalhes. E que tal acordo manteve-se até a invasão da URSS pela Alemanha, em 1941.

No entanto, Paola omite que, às vésperas da guerra, Hitler havia definido objetivos precisos de política exterior, entre eles, buscar a aliança da Grã-Bretanha ou ao menos sua neutralidade para a conquista da Europa oriental, inclusive da URSS.⁴⁵ Ou seja, a URSS sempre foi um dos alvos da Alemanha nazista e os soviéticos sempre souberam disso, o que ajuda a explicar a assinatura do Pacto de não-agressão entre as duas potências em 1939.

Ao sugerir que o pacto de 1939 seria apenas a culminância de conspirações secretas entre Alemanha e URSS e interpretá-lo como evidência de compartilhamento de princípios entre nazistas e comunistas, Paola sonega

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ SARAIVA, José F. Sombra. A Agonia Europeia e a gestação da nova ordem internacional (1939-1947). In SARAIVA, José F. Sombra. (org.) **Relações Internacionais. Dois Séculos de História. Entre a Preponderância Europeia e a emergência americano-soviética (1815-1947)**. Brasília: IBRI, 2001, p. 223.

informações muito importantes e não considera o próprio contexto em que o pacto foi assinado. Ele não relaciona, por exemplo, a Conferência de Munique, que ocorreu em 1938, com a assinatura do pacto germano-soviético, sem a qual o pacto não pode ser totalmente compreendido em seu devido contexto. Tal conferência decidiu pelo desmembramento da Tchecoslováquia para atender à reivindicação alemã e por pactos de não-agressão entre Inglaterra e Alemanha, França e Alemanha. Essa política de apaziguamento da França e da Grã-Bretanha não deu resultados e Hitler continuou com suas anexações territoriais. No entanto, a política de apaziguamento e a Conferência de Munique tinham deixado um rastro de desconfiança na URSS. Stalin interpretou tais ações como acordos e aproximações entre os países contra o comunismo soviético, já que o anticomunismo era um elemento em comum entre eles, e decidiu pelo pacto com Hitler, para o adiamento o máximo possível da agressão alemã ao território soviético, que já era tida como certa. Em virtude das dificuldades de um acordo com os países democráticos, Stalin voltou-se para a Alemanha nazista. Foi, portanto, um pacto estratégico para ganhar tempo, enquanto a URSS fortalecia sua indústria bélica e se preparava para a futura guerra contra os nazistas. O pacto não teve nenhuma relação com semelhanças de princípios entre nazismo e comunismo, uma falácia muito repetida pela extrema-direita atual. Assim como não tem sentido vê-lo como a culminância de um processo que teria se iniciado em Brest-litovsky ou até mesmo antes, com o suposto acordo entre Lenin e o Kaiser alemão (o “ouro alemão”). São interligações que não existem, apenas enfeitam a narrativa de uma extrema-direita que almeja ligar o nazismo ao comunismo soviético.

O “socialismo real”. Uma visão teleológica da história

A visão teleológica da história pode ser incluída em uma concepção mitificada da história. Segundo Neto⁴⁶, trata-se de uma fetichização da ratio, que concebe a história em termos de linearidade hiperdeterminada. Nesse processo, o ponto de vista ontológico é substituído por uma racionalidade baseada na ideia de uma

⁴⁶ NETO, Artur Bispo S. Teleologia e História. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 115-127, 2011, p. 115-16.

finalidade imanente às coisas. Assim, os resultados dos processos históricos são vistos como a realização de fins inevitáveis da própria história.

Os conspiracionistas compartilham de uma teleologia anticomunista que possui uma diferença básica em relação à definição de concepção teleológica da história apresentada acima. Em vez de uma finalidade imanente às coisas, eles vêem uma finalidade maléfica imanente aos comunistas, ou seja, aos sujeitos da história, que teriam produzido resultados pré-determinados por suas lideranças, a começar pelo próprio Marx. Há uma completa desconsideração para com a imprevisibilidade, os contextos condicionantes das ações e as lutas políticas no processo histórico, apresentando uma “explicação” simplista e pautada em pressupostos preconceituosos sobre os problemas dos regimes do chamado “socialismo real”.

Heitor de Paola desenvolve, em sua obra, uma narrativa teleológica anticomunista ao abordar uma das questões mais problemáticas dos regimes socialistas construídos após a Revolução de Outubro de 1917 na Rússia: o autoritarismo burocrático e os privilégios dessa burocracia. Logo no subtítulo que trata do tema, podemos perceber a teleologia: “A verdadeira meta comunista – a nova classe”.⁴⁷ Faria parte dos objetivos dos comunistas, desde o início, criar uma classe privilegiada de indivíduos, que submeteriam toda a sociedade aos seus ditames para dominarem em nome de seus próprios interesses. Segundo Paola, “a meta comunista não é parar a história, mas revertê-la do estado liberal para o aristocrático, só que agora não mais uma aristocracia de sangue, mas automeada e ungida não por Deus, mas pelos seus pares.”⁴⁸ Comunismo seria, portanto, sinônimo de aristocracia.

Para fundamentar essa visão teleológica, Paola cita alguns autores que seriam oriundos de países do socialismo real ou teóricos políticos pertencentes às fileiras de partidos comunistas em outros países. O primeiro deles é Milovan Djilas⁴⁹, que

⁴⁷ PAOLA, Op. Cit., p. 82.

⁴⁸ Ibidem, p. 86.

⁴⁹ Milovan Djilas uniu-se ao Comitê Central do PC iugoslavo em 1938 e ao Politburo em 1940, tendo exercido importante papel na resistência aos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e, ao fim da guerra, tornou-se membro do gabinete de ministros de Josef Tito. Participou também da defesa da independência dos comunistas iugoslavos em relação à URSS em 1948. Posteriormente, Djilas intensificou suas críticas ao partido e defendeu a liberalização política do regime, afastando-se dos

escreveu a obra *A Nova Classe*, na qual aponta que a revolução comunista resultou na completa autoridade de uma única classe, que se interessa pelos pobres apenas enquanto necessários para o aumento da produção. Esta classe exerceria o monopólio sobre a classe trabalhadora e teria se apropriado dos bens através da nacionalização e estatização, tornando-se uma classe exploradora.⁵⁰

O segundo autor citado é o soviético Mikhael Voslensky⁵¹, em cuja obra “A Nomenklatura”, teria se referido também a esta “nova classe”, que ele chama de Nomenklatura, a qual seria a verdadeira proprietária da propriedade coletiva. Outro autor citado é Bruno Rizzi⁵² que, na obra “A Burocratização do Mundo”, teria mostrado, em 1939, que na sociedade soviética os exploradores se apropriam indiretamente da mais-valia através do Estado, que embolsa a mais-valia nacional e a distribui aos seus funcionários - a nomenklatura, que ocupa os postos mais importantes por recomendação do partido. Paola afirma que “a nova classe é herdeira direta das antigas aristocracias e monarquias absolutistas”⁵³, abstraindo de qualquer análise histórica das origens dessas formas de governo e de Estado e de seus respectivos contextos históricos, usando a estratégia dominante das narrativas conspiracionistas de associar ou igualar momentos e fenômenos históricos totalmente diversos para desinformar o público com objetivos meramente políticos de atacar os adversários.

seus postos políticos e do próprio partido e chegando a ser preso em 1956 por seu apoio à revolução húngara no mesmo ano. Entre suas obras publicadas estão *The New Class* (1957), *Unperfect Society* (1969) e *Conversations With Stalin* (1962), sendo esta última uma crítica ao líder soviético.

⁵⁰ Ibidem, p. 83.

⁵¹ Foi um escritor soviético, cientista e diplomata, tendo sido intérprete soviético durante o Tribunal de Nuremberg e membro da Academia Soviética de Ciências. Mais tarde, tornou-se dissidente do regime da URSS. Escreveu a obra *Nomenklatura: The Soviet Ruling Class* inspirado pela obra de Milovan Djilas. Redigiu também a obra *Secrets Revealed: Moscow Archives Speak*, sobre o papel do terror no sistema soviético, a evolução da polícia secreta soviética e o papel da nomenklatura nesta hierarquia.

⁵² Teórico político italiano que entrou para o Partido Socialista Italiano em 1918, tendo saído do partido para ser um dos fundadores do Partido Comunista da Itália (PCI), o qual também deixou em 1930. Devido à perseguição pelo regime fascista, emigrou para a França e, durante os anos 1930, participou dos debates envolvendo Trotsky, James Burnham e Yvan Craipeau sobre a natureza da URSS. Em sua obra *A Burocratização do Mundo*, defendeu que o fascismo e o stalinismo estavam desenvolvendo métodos políticos similares e conceituou os regimes da Alemanha, Itália e URSS como totalitários.

⁵³ Idem, p. 84.

A constatação dos limites e contradições existentes no socialismo real não é o problema, pois o campo intelectual ligado à esquerda vem se debruçando há tempos acerca dos processos históricos que levaram à construção dos regimes burocratizados advindos do pós-revolução bolchevique. O próprio Bruno Rizzi, citado por Paola, é um exemplo. Não é um tabu na esquerda, mesmo entre os comunistas, analisar esse fenômeno, e muitos comunistas convictos criticam o modelo implantado na URSS e nos países sob sua influência no Leste Europeu, sem, no entanto, abdicar de suas ideologias e projetos de sociedade calcados nos princípios comunistas. Uma coisa é reconhecer que as experiências socialistas apresentaram diversos problemas e tentar compreender por que isso ocorreu como forma de conhecimento sobre o significado de tais experiências e seu legado para a humanidade e também como forma de aprendizado sobre os erros cometidos para os que continuam defendendo uma sociedade comunista. Outra é desqualificar essas experiências tendo como fundamento unicamente o combate ideológico ao comunismo, sem preocupação com uma análise honesta das causas e dos processos históricos que levaram ao domínio da burocracia e do autoritarismo dos partidos comunistas nessas sociedades.

Os autores citados na obra de Paola para corroborar sua narrativa aparecem como se eles compactuassem com a sua interpretação teleológica, mas, na verdade, constatar os problemas sérios da burocratização e do autoritarismo nos países socialistas não torna verdadeira a perspectiva conspiracionista e demonizadora que o autor desenvolve em toda sua obra.

Na narrativa paolina, o socialismo real foi autoritário e burocrático porque os comunistas são maus e nunca pretenderam construir uma sociedade justa, apenas uma sociedade de uma “nova classe” de privilegiados que explora o povo. Desde Marx a Lenin, o projeto foi dominar o mundo em proveito próprio, pensam os conspiracionistas. Esse tipo de percepção não pretende explicar ou compreender a complexidade dos fenômenos históricos, políticos e sociais. Assim sendo, o debate sobre as causas do fenômeno da burocratização nos socialismos existentes não aparece na obra do autor, havendo mais uma vez uma descontextualização gritante dos rumos pelos quais enveredou a revolução bolchevique na Rússia e suas

consequências, como se a única coisa que importasse fosse o caráter das lideranças ou uma suposta essência maléfica do comunismo.

Percebe-se, neste tema, um ponto de contato com a produção historiográfica dos “soviétólogos”, que concebem uma linha de continuidade entre o início da revolução bolchevique e o desenvolvimento do stalinismo. Algumas teses mais recentes, como a de Robert Gellately⁵⁴, por exemplo, advogam, inclusive, que o terror stalinista seria derivado do próprio marxismo, ou seja, estaria contido no pensamento de Marx e de seus seguidores. Há ainda o trabalho de Bruno Gropp⁵⁵ que, além de não diferenciar o stalinismo do bolchevismo e ver este como continuidade de um projeto político autoritário, com origens em uma suposta “cultura política” despótica própria da Rússia, percebe a falta de democracia do stalinismo como resultado do fanatismo dos bolcheviques, que se consideravam os únicos detentores da verdade. No entanto, esses autores não aparecem na obra de Paola.

Ao usar a narrativa teleológica de que o desenvolvimento do modelo do chamado “socialismo real” já estava previsto desde Marx e os primórdios do governo bolchevique, Paola desconsidera vários fatos que merecem atenção e que demonstram que essa linha de continuidade não existia. Várias pesquisas⁵⁶ revelam que houve grandes mudanças entre os anos imediatamente posteriores a outubro de 1917 e o regime stalinista. O regime político instaurado logo após a revolução era baseado em um gabinete multipartidário, formado pelos grupos contrarrevolucionários – inclusive, os bolcheviques convidaram essas demais forças para comporem o governo, entre elas, os socialistas-revolucionários, cuja ala esquerda chegou a participar do governo, mas posteriormente abandonou a coalizão; havia diferenças também na forma de funcionamento do Partido Bolchevique, que inicialmente era baseado no centralismo democrático, passando ao centralismo burocrático à medida que o autoritarismo avançava.

⁵⁴ GELLATELY, Robert. **A Maldição de Stalin**. São Paulo: Record, 2017.

⁵⁵ GROPP, B. O Comunismo na História do Século XX. **Lua Nova**, São Paulo, n. 75, p. 115-141, 2008, p. 116-121.

⁵⁶ Entre essas pesquisas, podemos citar os trabalhos de Israel Getzler, *Outubro de 1917: o debate marxista sobre a revolução na Rússia*. In HOBSBAWM, Eric. **História do Marxismo**. v 5, São Paulo: Paz e Terra, 1985; e MAROT, John E. **The October Revolution in prospect and retrospect: interventions in Russian and Soviet History**. Leiden: Brill, 2012.

Cohen⁵⁷ enfatiza que há uma perspectiva a-histórica nas interpretações dos “soviólogos” que inspiram a narrativa de Paola, pois seus adeptos se tornaram incapazes de levar em conta as várias mudanças que marcaram o Partido Bolchevique e o regime soviético durante as primeiras décadas da nova formação social inaugurada pela revolução. Eles teriam, na verdade, recorrido a “preconceitos cegos, e rótulos, imagens, metáforas e teleologia assumiram o lugar de explicações reais”.

O autor desconsidera toda a discussão dentro do campo do próprio marxismo a respeito da natureza do regime soviético, discussão esta feita de forma bastante crítica deste modelo. A exceção, talvez, seja a citação que faz do italiano Bruno Rizzi, em cuja obra “O Coletivismo Burocrático”, de 1939, argumenta que a burocracia soviética se cristalizou em uma nova classe dominante na URSS, surgindo um novo sistema de exploração, no qual a propriedade efetiva dos meios de produção era da burocracia porque esta controlava o Estado, embora não tivesse os títulos jurídicos de propriedade da velha burguesia. Rizzi distingue teoricamente a “propriedade formal” e o “controle real” dos meios de produção, que passou a basear as interpretações dos autores que não caracterizam os Estados nos moldes soviéticos como socialistas.⁵⁸

No entanto, ao citar Rizzi, Paola omite que o que o autor chama de “coletivismo burocrático” não seria específico da realidade soviética, mas fruto das contradições da socialização da produção no mundo industrial moderno, pois, para ele o capitalismo também era incapaz de funcionar e sobreviver em função do alto grau de concentração e centralização da produção. Assim, a burocracia teria surgido como agente social da superação do capitalismo, formando uma nova forma de economia coletivista e burocrática que seria mais adequada ao caráter social da produção no mundo moderno⁵⁹. A omissão desta parte do pensamento de Rizzi é expressivo de como Paola se apropria da obra de autores apresentando-os

⁵⁷ COHEN, S. Op. Cit., p. 6-23.

⁵⁸ FERNANDES, Luis (a). Leituras do Leste II: O Debate sobre a Natureza das Sociedades e Estados de Tipo Soviético (Segunda Parte — As Principais Interpretações Marxistas). **BIB**, Rio de Janeiro, n. 39, 1, ° semestre, p. 41-83, 1995, p. 63.

⁵⁹ Idem.

como se supostamente eles corroborassem a sua narrativa conspiracionista e anticomunista.

Paola omitiu também a contextualização necessária para se compreender o desenrolar do governo revolucionário em direção a um regime autoritário e burocratizado. Já que tudo não passaria de concretizações de intenções maléficas já planejadas por Marx, não haveria o que explicar, segundo ele. Assim sendo, Paola desconsidera as imensas dificuldades enfrentadas pelos revolucionários por terem iniciado um processo político em direção ao socialismo em um país atrasado que ainda não tinha desenvolvido suas forças produtivas e que estava isolado, já que a tão esperada revolução internacional não ocorreu, fazendo com que os revolucionários bolcheviques tivessem que dar conta do atraso da Rússia sozinhos e em uma situação de ataque de 14 potências durante a guerra civil, que durou três anos e deixou um rastro de destruição de toda a economia russa, piorando ainda mais o seu atraso material e social. A classe trabalhadora mais combativa havia sido praticamente dizimada na guerra, restando uma população faminta e atrasada culturalmente como base para a construção do socialismo.

Tal situação teria favorecido uma organização política autoritária para iniciar a reconstrução do país, calcada na liderança do partido e sua vanguarda e no afastamento já no início de alguns ideais socialistas por absoluta falta de condições objetivas para realizá-los, em um contexto de necessidade de não somente iniciar a reconstrução econômica e o desenvolvimento russo como preservar o poder revolucionário diante das ameaças das potências capitalistas. A burocracia teria sido resultado de todo esse processo e se tornado extremamente importante na administração do caos e da reconstrução, sendo um problema que preocupava as próprias lideranças bolcheviques, como o próprio Lenin.

Ao contrário do que afirma Paola e os conspiracionistas, grande parte da “degenerescência burocrática e autoritária” do socialismo se deve, não às intenções maléficas de seus líderes, mas ao contexto altamente desfavorável materialmente e culturalmente para o estabelecimento de uma autêntica democracia operária, tendo como agravante o cerco capitalista ao jovem país socialista. Foi o resultado das escolhas das lideranças do momento e das lutas políticas no interior do partido comunista russo em resposta aos imensos desafios e limites impostos a eles pela

realidade objetiva que encontraram em seu caminho. Pode-se e deve-se criticar as escolhas feitas, mas interpretá-las a partir de um discurso moralista que apela para o caráter e a essência “maléfica” do comunismo é desconsiderar o contexto em que se deu a tentativa de construir uma nova sociedade em bases materiais tão desfavoráveis.

Assim, a descontextualização e a ausência de um debate com o conjunto dos trabalhos no campo marxista acerca dos problemas dos “socialismo real” acentuam a miséria intelectual da narrativa conspiracionista de Paola, que, em vez de tentar compreender a realidade que critica, a qual é bastante complexa em seus condicionantes e determinantes históricos, procura desenvolver um pensamento baseado em concepções moralistas acerca das supostas intenções maléficas dos comunistas, desconsiderando, inclusive, que inúmeros intelectuais marxistas e comunistas redigiram obras inteiras críticas ao modelo do socialismo real. E quando cita alguns desses intelectuais e/ou políticos, como é o caso do Bruno Rizzi ou dos dissidentes soviéticos, o faz de forma bem rasa, destacando trechos que não permitem ter uma visão de conjunto de toda a obra dos autores, apenas com o intuito de chancelar a sua visão conspiracionista, embora nenhuma das obras citadas possa ser inserida nesta perspectiva.

Os cismas “inventados” no bloco comunista e a Perestroika e a “enganação do Ocidente”

A fim de corroborar a sua tese do domínio mundial comunista nos dias atuais, Heitor de Paola utiliza uma outra estratégia: a negação do fim do comunismo após a destruição das experiências socialistas na antiga URSS e nos demais países do Leste Europeu. Todo o processo de desmonte do socialismo real iniciado com a Perestroika após a chegada de Gorbachev ao poder é apresentado como uma grande armação para iludir o Ocidente capitalista e tornar a sua defesa frente ao comunismo enfraquecida.

Segundo Paola, a Perestroika faria parte de uma suposta “terceira grande estratégia” de longo prazo pensada e colocada em prática pelos comunistas. Ele se baseia em alguns autores de origem soviética, como, por exemplo, Vladimir

Bukovisky⁶⁰, para quem não teria havido derrota do sistema comunista, pois não houve julgamento dos seus crimes e nem processo de depuração e as antigas elites permaneceram no poder.⁶¹

A finalidade dessa “nova estratégia” seria aprofundar a propaganda no mundo ocidental de que o comunismo acabara e a democracia e o liberalismo econômico haviam vencido na Europa do Leste. A pretensão dos comunistas seria enfraquecer e neutralizar o anticomunismo e sua influência política nos EUA, desmoralizando qualquer movimento anticomunista como paranoico, reacionário e ultrapassado, para que os que realmente estariam percebendo a “manobra” não tivessem credibilidade.⁶²

Paola enxerga o início dessa “estratégia conspiracionista” no período de Krushev, quando os crimes da era Stalin foram denunciados, e considera o chamado “antistalinismo” como uma “anestesia revisionista” para reagrupar intelectuais ocidentais em torno das ideias leninistas; muitos teriam servido como “idiotas úteis” e não tomaram conhecimento da “estratégia”. O principal resultado teria sido a Detente⁶³, para demonstrar que até no Ocidente a “abertura” do regime era aceita como legítima. Estaria havendo já uma preparação para a adoção plena da Perestroika, segundo o que chama de linhas de “convergência”, com vistas ao governo mundial.⁶⁴

O objetivo principal da “estratégia de convergência” seria fazer com que os inimigos – no caso os capitalistas ocidentais – colaborassem inconscientemente com o “plano comunista” por meio de “aparentes reformas econômicas e pseudo-

⁶⁰ Bukovisky é um ativista e escritor britânico de direitos humanos nascido na Rússia. Foi um elemento proeminente da dissidência soviética do final da década de 1950 até meados da década de 1970. Fez críticas à Liga da Juventude Comunista, o chamado Konsomol, retratando a URSS como uma sociedade ilegal, e o Konsomol como uma instituição “moribunda” que havia perdido toda autoridade moral e espiritual. Chegou a passar alguns anos em hospitais-prisões psiquiátricos e campos de trabalhos na antiga URSS e foi expulso do país em 1976. Foi membro do Conselho Consultivo Internacional da Fundação Memorial das Vítimas do Comunismo e membro do Conselho Internacional da Fundação de Direitos Humanos baseada na cidade de Nova Iorque

⁶¹ PAOLA, H. de. Op. Cit., p. 161.

⁶² Ibidem, p. 161.

⁶³ Termo frequentemente utilizado em referência à redução geral de tensão entre a União Soviética e os Estados Unidos da América durante a Guerra Fria, ocorrido no final da década de 1960 (após a Crise dos mísseis de Cuba) até o início dos anos 1980.

⁶⁴ Idem, p. 161.

democráticas”, criando uma “falsa oposição controlada” dentro da URSS e demais países do Leste Europeu.⁶⁵

Paola se põe a explicar que a palavra russa para “convergência” significaria “aproximar para contato” e tal aproximação seria feita através da exploração das “tendências globalizantes da elite ocidental” em “íntima” colaboração com os comunistas para o estabelecimento de “um só mundo”, a “Nova Ordem Internacional”.⁶⁶

Paola baseia parte da sua narrativa no livro de Gorbachev, “Novas Ideias para meu País e o Mundo”, no qual ele aborda as deteriorações nas relações entre a URSS e os EUA após a ascensão de Ronald Reagan ao poder em 1981 e a falta de condições econômicas e tecnológicas da URSS em desenvolver um projeto idêntico ao norte-americano Guerra nas Estrelas. Mas todo o conteúdo do livro é tratado como uma grande estratégia de “desinformação” formulada ainda em 1958 para desmoralizar os sentimentos anticomunistas em expansão na era Reagan. Mas, embora se refira ao contexto de Reagan, Paola faz uma digressão até a década de 1930, com base em uma citação de Dmitri Manuilsky⁶⁷, tentando demonstrar que a estratégia já estava prevista nesta época, embora o autor não apresente a fonte, apenas diz que tal discurso teria sido feito em 1931, na Escola Lenin de Guerra Política.

A narrativa conspiracionista é baseada também na obra de Anatoly Golitsyn⁶⁸, *The Perestroika Deception*, que relaciona a Perestroika ao método leninista – descrito como o ato de recorrer a todos os estratagemas, manobras evasivas e subterfúgios – para reforçar o sistema soviético. Nesta obra, é feita também uma comparação da NEP (Nova Política Econômica) com a Perestroika, apresentando

⁶⁵Ibidem, p. 162.

⁶⁶ Idem. Como exemplo de colaboradores, Paola cita instituições como Fundações Ford, Rockefeller, Carnegie Endowment, e líderes políticos ou intelectuais como Al Gore, Bill e Hillary Clinton, George Bush e Noam Chomsky.

⁶⁷Foi Comissário do Povo para a Agricultura na Ucrânia a partir de 1920. Em 1924 integrou o **Komintern**, sendo um dos principais dirigentes do mesmo. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi Diretor de Propaganda e, em 1944, Ministro de Relações Exteriores da Ucrânia. Foi o primeiro Vice-Presidente do Conselho de Segurança da ONU em 1945 e Presidente do Comitê Político em 1946. Ver <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/manuilsky.htm>

⁶⁸ Golitsyn vem sendo utilizado pela extrema-direita conspiracionista, devido à sua obra Meias Verdades, Velhas Mentiras, na qual ele sustenta a tese da falsa queda da URSS, negando o fim do comunismo após a Perestroika. Foi agente da KGB e forneceu informações à CIA sobre os métodos da KGB em 1984.

ambas como resultado da intenção de ludibriar os capitalistas e não assustá-los. Golitsyn chama a Perestroika de um “Segundo round da revolução de outubro”.⁶⁹

A extinção do Partido Comunista na URSS teria sido tramada desde 1958, com os seguintes objetivos: 1. Criar a impressão de que a burocracia soviética está se tornando democrática e ocidentalizada; 2. Influenciar o Congresso americano a mudar a CIA e diminuir o orçamento militar e de segurança; 3. Criar condições de cooperação entre a KGB e serviços ocidentais, para infiltrar os agentes soviéticos de desinformação. Além disso, os velhos membros do Partido Comunista e do Komsomol teriam se incorporado nas novas estruturas democráticas, não havendo extinção do PC mas, na verdade, redistribuição de seus quadros e reformas cosméticas na KGB para dar impressão de equivalência com os serviços ocidentais, submetendo-se aparentemente ao controle do Parlamento, enquanto seu poder teria aumentado e se tornado secreto.⁷⁰

Como se pode constatar na narrativa paolina, a visão teleológica da história da URSS é um traço marcante do seu discurso anticomunista. Assim como a degenerescência burocrática teria sido planejada, as mudanças por que passou a sociedade soviética até o fim da própria URSS teriam sido programadas desde os anos 1930, com o único objetivo de iludir os ocidentais capitalistas. A descontextualização dos fatos é gritante e, na verdade, é imprescindível para o estabelecimento de relações entre eventos e épocas em uma teia conspirativa. Assim, haveria um fio de ligação entre a desestalinização dos anos 1950 iniciada com N. Krushev, os cismas entre a URSS e aliados no bloco comunista e a Perestroika. Não existe nenhuma tentativa de compreender esses fatos em seu devido contexto, mas torná-los elementos de um grande teatro das lideranças soviéticas e dos comunistas em geral. A maior prova da falta de compreensão dos fatos citados é a comparação da NEP com a Perestroika, que teriam tido o propósito de “enganar” os capitalistas ocidentais.

Associar a NEP com uma simples estratégia de ludibriar o Ocidente é desconsiderar totalmente o contexto em que ela se iniciou, marcado pelo período pós-guerra civil entre o Exército Vermelho e os exércitos brancos que invadiram a

⁶⁹ Ibidem, p. 67.

⁷⁰ Ibidem, p. 69-70.

Rússia bolchevique. Paola demonstra não compreender que a práxis marxista leva em conta o contexto e as condições objetivas em que as ações devem se dar. Assim sendo, a NEP teria sido, na verdade, uma retomada de um projeto anterior à guerra civil, que teria sido interrompido por ela, cujos contornos Lenin chamava de “capitalismo de Estado”.⁷¹

A NEP só pode ser compreendida como uma práxis voltada para a criação das condições objetivas favoráveis a uma futura socialização da economia soviética. Nesse contexto, o capitalismo passa a ser visto como algo positivo e necessário para o triunfo posterior do socialismo. Reduzir, portanto, a NEP a uma intenção maléfica de enganar o Ocidente e desconsiderar a difícil situação interna da Rússia e o seu isolamento internacional é, além de diminuir a práxis marxista, uma distorção da história do socialismo soviético.

O mesmo raciocínio pode ser usado para a compreensão das diversas tentativas de reformas ao longo da trajetória da URSS e as lutas políticas dentro do PCUS em torno delas.⁷² Paola trata todas as lutas políticas como simples encenações, como se não houvesse de fato problemas na economia e na sociedade soviética que ensejassem diferentes propostas de resolução e divisões políticas e conflitos de interesses.

Vários autores procuraram compreender por que as reformas da Perestroika desencadearam a destruição do socialismo em todo o Leste Europeu, enquanto as reformas anteriores não tiveram esse resultado. Alguns apontam para a incompatibilidade entre o sistema rigidamente centralizado e hierarquizado da planificação soviética e as novas tecnologias da era da informação e novas formas de organização mais flexíveis da produção, na era do toyotismo⁷³; outros falam da falta de incentivos à inovação no plano da atuação empresarial - e, portanto, baixa “demanda” por novas tecnologias⁷⁴; é abordado também o reforço das estruturas verticais de comando, em vez de relações horizontais, permitindo um grande

⁷¹ FERNANDES, Luis (b). A teia de Tânato: da industrialização acelerada à encruzilhada da inovação no socialismo soviético. In: BERTOLINO, O & MONTEIRO, A. (ORGS). **100 Anos da Revolução Russa. Legados e Lições**. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2017, p. 298-300.

⁷² Para aprofundamento das reformas adotadas, ver SEGRILLO, Angelo (b). **Reconstruindo a “reconstrução”: uma análise das principais causas da Perestroika soviética**. Tese de doutorado, Niterói: universidade federal fluminense, 1999, p. 41-42.

⁷³ Idem.

⁷⁴ FERNANDES, L., Op. Cit.

aumento na disciplina do trabalho, mas reforçando os traços autoritários do sistema e levando a problemas em relação à motivação para iniciativas “vindas de baixo”⁷⁵; outro fator apontado é o esgotamento do modelo de desenvolvimento extensivo adotado na economia soviética.⁷⁶

Não é possível presumir que a NEP e a Perestroika foram similares, pois enquanto a primeira foi, de fato um recuo no projeto socialista, tendo sido baseada, inclusive, na importação de tecnologias e reprodução das formas de organização fordista ocidentais na economia soviética, embora mantendo-se a nacionalização e estatização de setores estratégicos – ou seja, o que Lenin chamava de setor socialista da economia -, a Perestroika resultou na adoção plena do capitalismo e no fim dos setores nacionalizados da economia soviética.

Paola, contraditoriamente, utiliza a obra de Gorbachev⁷⁷ para basear a sua tese de que a Perestroika foi forjada para enganar o Ocidente, porque nesta obra existe o discurso da construção de um “socialismo humanizado”⁷⁸, ou seja, tudo ficaria nos marcos do socialismo; porém, Paola esquece que essa obra foi divulgada em todo o Ocidente, ou seja, se houvesse alguma intenção de ludibriar os capitalistas ocidentais, haveria a promessa de restaurar o capitalismo, não o discurso de reforma do socialismo.

O que Gorbachev e sua equipe chamavam inicialmente de “socialismo de mercado” era, na verdade, uma concepção social-democrática que baseava os países europeus capitalistas do Estado do bem estar social. Mas o modelo do

⁷⁵ SEGRILLO, A. Op. Cit.

⁷⁶ Ibidem, p. 57.

⁷⁷ Trata-se do livro “Perestroika. Novas Ideias para o Meu País e o Mundo”, lançado em 1987.

⁷⁸ O discurso do “novo socialismo” apareceu também nos escritos de Leonid Abalkin, um dos economistas que assessorou Gorbachov na Perestroika, que sustentou a ideia de que o socialismo deve possuir laços com as conquistas da civilização humana, afirmando-se os princípios humanistas da vida social, entre eles, a afirmação da personalidade. Abalkin utilizou, inclusive, o pensamento marxista para justificar as reformas da Perestroika, argumentando que o mercado, as cooperativas, o dinheiro, as ações e os Bancos seriam formas econômicas gerais e as mais viáveis e progressistas, e que podem adquirir conteúdo novo ao servirem às relações de propriedade socialistas, possibilitando um desenvolvimento eficaz e flexível da economia e elevar a sua eficiência. Até mesmo a renda sobre a propriedade é defendida, com base na ideia de que, nos marcos do socialismo, essa renda adviria do trabalho e não da posse do capital. Assim, justificou-se a privatização das empresas com o discurso de que os trabalhadores das mesmas passariam a ser os verdadeiros acionistas e donos delas. (Ver ABALKIN, Leonid. Problemas e Contradições da Economia Soviética no Período de Transição. In: POMERANZ, Lenina (org.) **Perestroika: desafios da transformação social na URSS**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1990.

Estado do bem estar social nada tinha de socialista, pois o projeto original do socialismo era a transformação do trabalho fragmentado e atomizado em força coletiva com consciência de classe. A social-democracia reformista em nada contribuiu para isso, pelo contrário, ela reforçou a fragmentação e a atomização da classe trabalhadora, aceitando a subordinação estrutural do trabalho ao capital em troca de melhorias sociais marginais para os trabalhadores, às custas da expansão global do capitalismo e da posição hierarquicamente privilegiada dos países centrais na dinâmica capitalista mundial, que lhes permitiu angariar muita riqueza e conceder tais melhorias aos trabalhadores de seus países.⁷⁹

Em vez de se basear apenas no discurso, Paola deveria ter considerado as práticas efetivas. Gorbachov tomou a iniciativa de enfraquecer geopoliticamente a URSS diante dos países capitalistas, abrindo mão, inclusive, do controle dos países do Leste Europeu, que foram incentivados a buscar seu próprio caminho, seja capitalista ou socialista⁸⁰, e abriu mão também do fortalecimento do sistema de defesa militar soviético, em parte devido às dificuldades financeiras para manter os gastos militares na altura da necessidade da corrida armamentista com o Ocidente. Como ter a intenção de se manter nos marcos do socialismo e ao mesmo tempo fragilizar o país em termos geopolíticos e militares?

Por isso, muitos críticos viram o discurso do socialismo reformado como uma retórica para amenizar as resistências internas às mudanças em direção à economia de mercado. Gorbachov esteve bastante inclinado a apoiar as propostas radicais de Stanislav Shatalin⁸¹, mas, diante da ameaça de demissão do primeiro ministro Rizhkov, resolveu anunciar, em setembro de 1990, a realização de um

⁷⁹ MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002, p. 777.

⁸⁰ POMERANZ, Lenina. **Do Socialismo Soviético ao Capitalismo Russo. A Transformação Sistêmica da Rússia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018. p. 117-18.

⁸¹ Trata-se do Plano Shatalin, resultado do refinamento do estudo de reformas elaborado por Gregory Yavlinsky, assessor de Yeltsin e vice-presidente do Conselho de Ministros da República Federada Russa, com base em discussões feitas em agosto de 1990, inclusive com a participação de Gorbachev e Yeltsin. O Plano Shatalin dos 500 dias tinha o primeiro objetivo de estabilização econômica. O plano previa uma maciça venda da propriedade estatal; uma reforma agrária, que autorizaria os camponeses a deixarem as fazendas coletivas e a criarem suas próprias empresas agrícolas; fim do controle sobre os preços dos bens de consumo não produzidos em grandes quantidades, levando à sua determinação pelo mercado; privatização de metade das empresas pequenas e restaurantes do país; abolição da maioria dos ministérios; indexação dos salários; conversibilidade do rublo, etc. O plano não chegou a ser implementado (POMERANZ, L. Op. Cit., p. 124).

plebiscito nacional sobre a aceitação da propriedade privada e reformas a ela correlacionadas. Como houve forte reação dos conservadores contrários às reformas, Gorbachev resolveu adiar a reforma de mercado.⁸²

O curso em direção à restauração do capitalismo já estava claro a essa altura e Mézaros chama atenção, inclusive, para a mudança no discurso das lideranças reformistas no decorrer do processo da Perestroika. Enquanto, de início, falavam que o chamado “socialismo de mercado” era um meio para reduzir o poder da arbitrariedade política, o autoritarismo e a burocracia, instituindo-se a “democracia e a liberdade” para o povo soviético, posteriormente, quando as consequências negativas das reformas na vida do povo se fizeram sentir e as resistências a elas aumentaram, os reformistas começaram a defender formas autoritárias que garantissem a transição para a economia de mercado. Os “mecanismos de mercado” transformaram-se em fins em si mesmo aos quais tudo deveria ser subordinado, e a chamada Perestroika foi feita sem o povo e contra o povo.⁸³

Após Gorbachov ser derrubado do poder, o que se viu foi a destruição total do sistema do socialismo real e a introdução de medidas de privatização geral de praticamente todos os setores da economia soviética, tendo como principais grupos beneficiados o capital financeiro internacional e a nomenklatura que passou a ser, de fato, a dona dos meios de produção, em um fenômeno chamado pelos especialistas de privatização da nomenklatura.⁸⁴

Não se pode esquecer também que as reformas políticas que acompanharam a Perestroika, chamadas de democratização da sociedade, foram baseadas no abandono do monopólio do partido comunista sobre a sociedade, liberando a participação política dos setores internos na sociedade soviética que pretendiam restaurar o sistema capitalista. Um exemplo foi o fortalecimento do grupo de Boris Yeltsin que, após se tornar presidente da República Russa, aboliu o partido comunista no território russo e impulsionou a separação da Rússia da URSS, fortalecendo o processo de desmembramento do império soviético, tendo

⁸²Ibidem, p. 124.

⁸³ MÉSZAROS, I. Op. Cit., p. 773.

⁸⁴Para a questão da “privatização da nomenklatura” ver POMERANZ, L. Op. Cit.

sido um dos principais responsáveis pela implantação das reformas capitalistas de mercado radicais na Rússia. O governo Yeltsin destruiu todas as formas de resistência às reformas capitalistas através de várias tentativas anticonstitucionais no período de dezembro de 1992 a outubro de 1993.⁸⁵

A narrativa de Paola usa como “prova” da continuidade do comunismo na Rússia o fato de membros do sistema anterior terem permanecido nas estruturas do Estado e estejam atualmente em posições de comando, sendo o maior exemplo o atual Presidente russo, Vladimir Putin. Este argumento é falacioso, pois pressupõe que todos os membros da Nomenklatura no período do socialismo real eram fiéis seguidores da ideologia comunista, e desconsidera também que o único meio para ascensão nos cargos públicos na era soviética era a filiação ao partido comunista e pertencer aos quadros da burocracia. Paola baseia-se na superficialidade do fenômeno. Em seu raciocínio, se os antigos comunistas estão no poder é porque o comunismo continua existindo na Rússia, embora as práticas e o sistema econômico existente atualmente nada tenham a ver com um regime de tipo socialista.

O governo de Vladimir Putin faz parte atualmente da consolidação da nova Rússia capitalista e foi alçado a herdeiro de Yeltsin, não tendo rompido com o projeto capitalista para o país, pelo contrário, defendeu a economia de mercado em consonância com a democracia liberal na Rússia. Na verdade, ele foi visto como a pessoa ideal para assegurar os interesses do grupo dominante no poder.⁸⁶

Após assumir a presidência do país em 2000, Putin pôs em prática algumas medidas que beneficiavam o capital, como, por exemplo, o imposto social único de 35,6% sobre a folha de pagamentos dos salários, com o qual foram eliminados os antigos fundos sociais e de pensão, reduzidos os encargos sociais sobre os salários e fixadas contribuições de caráter regressivo sobre o pagamento dos salários pelas empresas. Putin tomou medidas também na direção da centralização do poder e na diminuição das influências das oligarquias financeiras sobre o Estado, procurando

⁸⁵ Idem, p. 146-47.

⁸⁶ Idem, p. 195. Já na presidência interina, assumida em 2000 com a renúncia de Yeltsin, Putin chegou a fazer um decreto concedendo anistia a Yeltsin e a todos os membros de sua equipe de governo pelos atos de corrupção exercidos durante seu mandato, inclusive os relacionados às privatizações que beneficiaram de forma fraudulenta os grandes bancos estrangeiros.

construir um Estado mais autônomo e forte frente a tais grupos⁸⁷, mas isso, de forma alguma significou que o Estado fortalecido deixou de ser burguês, pois estava comprometido com a manutenção da apropriação privada dos meios de produção e com as reformas de mercado.

Dessa forma, os “antigos comunistas” não fingiram que estavam destruindo o socialismo para enganar os ocidentais; eles, de fato, destruíram o antigo sistema lá existente, mas os conspiracionistas dessubstancializam totalmente a natureza do comunismo, permitindo que qualquer ação ou indivíduo possa ser taxado de comunista, ainda que suas práticas e ideias estejam bem distantes do conceito de comunismo.

Considerações Finais

A obra do psicanalista Heitor de Paola, intitulada “O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial”, é um dos produtos do movimento Mídia Sem Máscara, liderado por Olavo de Carvalho, que, segundo Lucas Patschiki, possui caráter neofascista. Faz parte do conspiracionismo de inspiração norte-americana, defendendo como tese central que a chamada “nova ordem mundial” estaria sendo dominada pelos comunistas, construindo uma narrativa que visa anatemizar a ideia de revolução e desqualificar os defensores de uma nova sociedade produzida a partir da ruptura com o capitalismo.

A apologia da democracia liberal capitalista é o móvel ideológico do trabalho do autor, que é um dos principais articulistas do movimento, utilizando algumas estratégias narrativas para construir uma concepção de mundo binária, na qual o “mal” é sempre associado à ideia de revolução e aos defensores de tal proposta, demonizando o comunismo e elaborando uma ideia de “inimigo” a ser combatido. A máscara de liberal democrático permite ao Mídia Sem Máscara encobrir seu caráter neofascista, embora a substância do fascismo esteja presente em seu discurso. Uma de suas estratégias narrativas é a descontextualização da história soviética, para fortalecer os estereótipos construídos acerca do comunismo e dos comunistas em geral, desenvolvendo para isso uma concepção teleológica da

⁸⁷ Idem, p. 200.

história da URSS. O autor omite aspectos ligados ao processo histórico soviético a fim de fortalecer a sua ideia central de que o comunismo domina o mundo atual, a despeito da hegemonia do capitalismo a nível mundial.

Referências Bibliográficas

ABALKIN, Leonid. Problemas e Contradições da Economia Soviética no Período de Transição. In POMERANZ, Lenina (org.) **Perestroika: desafios da transformação social na URSS**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1990.

ARENDETT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARKUN, Michael. **The culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America**. Berkeley: University of California Press, 2003.

CARVALHO, Olavo de. As garras da Esfinge – René Guénon e a islamização do Ocidente. **Verbum**, Ano I, Números 1 e 2, Julho-Outubro, 2016. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/as-garras-da-esfinge-rene-guenon-e-a-islamizacao-do-ocidente/>>. Acesso em 03 ago. 2018.

__. **O Nazismo era esquerdista? E o Fascismo?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oODfzPLE_m4>. Acesso em 27 dez. 2019.

CASTELO, Rodrigo. **O Social-Liberalismo. Auge e Crise da Supremacia Burguesa na Era Neoliberal**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CASTRO, Ricardo F. Veneno Antidemocracia: conspiracionismo, ideologia e política. **Anais do XVII Encontro de História da Anpuh**. Rio de Janeiro, 2016.

COHEN, Stephen. **Rethinking the Soviet Experience. Politics and History since 1917**. Oxford: Oxford University Press, 1985.

COURTOIS ,Stephane ; WERTH, Nicola; PANNE, Jean-Louis; PACZKOWSKI,Andrzej; BARTOSEK,Karel; MARGOLIN, Jean-Louis. **O Livro negro do comunismo(Crimes terror e repressão)**.1 edição. São Paulo: Ed Bertrand, 1990.

FERNANDES, Luis. A teia de Tântato: da industrialização acelerada à encruzilhada dabinovação no socialismo soviético. In: BERTOLINO, O & MONTEIRO, A. (ORGS). **100 Anos da Revolução Russa. Legados e Lições**. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2017.

____. Leituras do Leste II: O Debate sobre a Natureza das Sociedades e Estados de Tipo Soviético (Segunda Parte — As Principais Interpretações Marxistas). **BIB**, Rio de Janeiro, n. 39 ,1 ,º semestre, p. 41-83, 1995.

FURET, François. **O Passado de uma Ilusão: Ensaio sobre a ideia comunista no século XX**. São Paulo: Siciliano, 1995.

GETZLER, Israel. Outubro de 1917: o debate marxista sobre a revolução na Rússia. In GELLATELY, Robert. **A Maldição de Stalin**. São Paulo: Record, 2017.

GROPPO, B. O Comunismo na História do Século XX. **Lua Nova**, São Paulo, n. 75, p. 115-141, 2008.

HOBBSAWM, Eric. **História do Marxismo**. v 5, São Paulo: Paz e Terra, 1985.

HOCKENOS, Paul. **Livres Para Odiar. Neonazistas: ameaça e poder**. São Paulo: Scritta, 1995.

KERSHAW, Yan. **Hitler, um perfil do poder**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

KOCKA, Jürgen. Para Além da Comparação. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-286, ago, 2014.

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LENIN, V. I. **Obras Escolhidas**. Lisboa – Moscovo: Edições Progresso, Tomo 2, 1977.

LOFF, Manuel. Dictatorship and revolution: Socio-political reconstructions of collective memory in post-authoritarian Portugal. *In: Culture & History Digital Journal*, 3, 2014.

MAROT, John E. **The October Revolution in prospect and retrospect: interventions in Russian and Soviet History**. Leiden: Brill, 2012.

MELO, Demian B. & MONTEIRO, Marcio L. Os ciclos de revisionismo histórico nos estudos sobre a Revolução Russa. **Rev. Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 08, N.3, p. 2256-2294, 2017.

____. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. **Marx e o Marxismo**, vol. 1, n. 1, julho/dez., p. 50-74, 2013.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MONDAINI, Marco. **Togliatti, Gramsci e o Fascismo**. 2003. Disponível em: <<https://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=170>>. Acesso em 08 de abril de 2019.

NETO, Artur Bispo S. Teleologia e História. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 115-127, 2011.

PAOLA, Heitor de. **O Eixo do Mal Latino-Americano e a Nova Ordem Mundial**. São Paulo: Editora É Realizações, 2008.

PATSCHIKI, L. **Os Litorais da nossa Burguesia: O Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011)**. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

PAXTON, Robert. **Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

POMERANZ, Lenina. **Do Socialismo Soviético ao Capitalismo Russo. A Transformação Sistêmica da Rússia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e Ditadura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

SARAIVA, José F. Sombra. A Agonia Européia e a gestação da nova ordem internacional (1939-1947). In: SARAIVA, José F. Sombra. (Org.) **Relações Internacionais. Dois Séculos de História. Entre a Preponderância Européia e a emergência americano-soviética (1815-1947)**. Brasília: IBRI, 2001, p. 221-256.

SEGRILLO, Angelo. Historiografia da Revolução Russa: Antigas e Novas Abordagens. In **Projeto História**, no 41, Dezembro, 2010, p. 63-92.

_____. **Reconstruindo a “reconstrução”: uma análise das principais causas da Perestroika soviética**. Tese de doutorado, Niterói: universidade federal fluminense, 1999.

TAGUIEFF, Pierre-André. **L’imaginaire du complot mondial: aspects d’un mythe moderne**. Paris: Éditions Mille et Une Nuits, 2006.

TOGLIATTI, Palmiro. Lezioni Sul Fascismo. **Opere Scelte. (a cura di Gianpasquale Santomassimo)**. Roma: Riuniti, 1974.

TROTSKY, Leon. **A História da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:
Rua Presidente Pedreira, 38/503, bloco 1, Ingá, Niterói – RJ
CEP 24210-470

Recebido: 16/10/2019
Aprovado: 20/12/2019